

Mais boi que gente

Há conexão direta entre a abertura de novas frentes de expansão na Amazônia e a exploração criminoso de trabalhadores.

Em 2004, o Brasil assumiu o posto de maior exportador mundial de carne bovina, e atualmente faz negócios com quase 130 nações. No ano passado, o comércio com países estrangeiros dessa commodity atingiu a cifra recorde de US\$ 5,3 bilhões, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). Mas a crise econômica global que explodiu nos últimos meses já deixou marcas nesse importante segmento do agronegócio. Apenas em janeiro de 2009, as vendas no mercado internacional tiveram forte queda de 45% na receita, 35% no volume e 16% no preço médio, em comparação com o mesmo período de 2008.

Especialistas no setor acham difícil que o faturamento astronômico registrado do ano passado se repita em 2009, e estimam que a queda na receita pode chegar até 20%. Por outro lado, os pecuaristas mais otimistas esperam que, a partir do segundo semestre, o ritmo das exportações de carne bovina recupere o fôlego e volte a crescer. A União Européia, por exemplo, que nos últimos anos vinha colocando uma série de barreiras ao produto brasileiro, já sinaliza com aumento da demanda. Há perspectivas de que compradores tradicionais, como Rússia e Egito, aumentem o volume de encomendas.

Mesmo em meio à maior crise econômica das últimas oito décadas, os criadores de gado bovino no Brasil estão rindo à toa, pois a pecuária de corte vem se desenvolvendo a passos de gigante. De 2000 para cá, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de cabeças de gado saltou de 170 milhões para aproximadamente 206 milhões – incremento de 21%. E esse crescimento está calcado principalmente na Amazônia. O Mato Grosso detém o maior rebanho do país, com 26,1 milhões de cabeças. Já o Pará aparece em quinto lugar, com 17,5 milhões de animais – mas há quem desconfie das desconstruídas estatísticas oficiais e estime que esse número tenha superado a casa dos 20 milhões.

De acordo com o estudo “O Reino do Gado”, divulgado pela ONG Amigos da Terra no ano passado, a Amazônia conta com 74 milhões de cabeças de gado, na proporção de 3,3 por habitante – relação três vezes superior à média nacional. Em 2007, pela primeira vez na história, o número de abates ocorridos na região ultrapassou a marca dos 10 milhões – 41% do total no país. A pesquisa revela que um terço da carne in natura exportada no ano passado saiu de frigoríficos situados nessa parte do território brasileiro.

A pesquisa traz outros números que deixam ainda mais evidente o avanço da pecuária sobre a Amazônia. Entre dezembro de 2003 e o mesmo mês de 2006, apenas 4% dos 10 milhões de novos animais adicionados às fazendas do país não estavam pastando sobre terrenos que um dia já foram floresta. Em outras palavras, o crescimento da criação de bois fora da região é praticamente insignificante.

Frente pioneira

Ao se deslocar em direção à Amazônia, a pecuária escapa da disputa com outras culturas vigorosas do agronegócio, como a soja e a cana-de-açúcar, que tendem a dominar as terras mais valorizadas das regiões de melhor infra-estrutura e mais próximas aos principais centros consumidores.

Por ser uma atividade predominantemente extensiva, a pecuária bovina necessita de terras baratas. E essas áreas de baixo preço se encontram principalmente na região de fronteira agrícola, como a floresta. O próprio presidente da comissão para assuntos da Amazônia Legal da CNA (Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária), Carlos Xavier, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, admitiu categoricamente que “a pecuária está sendo empurrada para cá”, em alusão ao Sul do Pará.

Durante décadas a derrubada da mata foi encarada, principalmente durante a ditadura militar, como uma demonstração legítima de posse. Quem quisesse ter direito sobre uma área precisava mostrar serviço, devastando a floresta. Essa sempre foi a deixa para que a pecuária entrasse em cena. A pecuária também é responsável pela esmagadora maioria das denúncias de utilização de mão-de-obra escrava na Amazônia. Não à toa, Pará e Mato Grosso aparecem como campeões históricos na incidência desse crime. Há conexão direta entre a abertura de novas frentes de expansão e a exploração criminoso e desumano de trabalhadores.

Levantamento feito pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), principal entidade dedicada à defesa dos direitos humanos e trabalhistas no campo, revela que 58% das fazendas fiscalizadas até julho do ano passado pelo grupo móvel de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que atua na libertação de escravos, tinham como atividade principal a criação de bovinos para corte.